

LEITURA LITERÁRIA NO CIBERESPAÇO: DAS PEDRAS ÀS TELAS

Rebeca Mendes GARCIA
Adriana Demite STEPHANI

RESUMO

Este artigo objetiva, por meio de uma pesquisa bibliográfica, verificar como as alterações nos suportes de leitura que ocorreram ao longo do tempo podem interferir nos modos de ler e, por conseguinte, na caracterização do leitor. Desde as inscrições em pedras até os hipertextos lidos nas telas dos computadores e smartphones, percebemos diferenças preponderantes no processo de recepção de textos as quais causam questionamentos tais como: o livro impresso, um dos suportes de escrita e leitura, será substituído por livros eletrônicos? Nesse sentido, esta pesquisa se dedicou a analisar a relação dos suportes com a leitura, de modo a apresentar diferentes tipos de leitor e as habilidades necessárias para o ato de ler, principalmente literatura, sem, no entanto, extinguir o livro físico do universo dos leitores. Para tanto, embasamos o trabalho em Chartier (1999), Terra (2015), Soares (2002), Spalding (2012), Xavier (2010) e Santaella (2004) na abordagem acerca de suportes de leitura, hipertextos, conceituação de leitores, leitura literária na rede. Logo, verificou-se a possibilidade de coexistir os suportes de leitura livro físico e tela de modo que a leitura literária ocorra de diferentes maneiras.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura literária; suportes de leitura; letramento.

LITERARY READING IN CYBERSPACE: FROM STONES TO SCREENS**ABSTRACT**

This article aims, through a bibliographic research, to verify how the changes in reading media that occurred over time can interfere in the reading modes and, therefore, in the characterization of the reader. From the stone inscriptions to the hypertext read on computer and smartphone screens, we notice major differences in the process of receiving texts that cause questions such as: will the printed book, one of the writing and reading supports, be replaced by electronic books? In this sense, this research was dedicated to analyze the relation of the supports with the reading, in order to present different types of reader and the necessary skills for the act of reading mainly literature, without, however, extinguishing the physical book of the universe from the readers. Therefore, we base the work in Chartier (1999), Terra (2015), Soares (2002), Spalding (2012), Xavier (2010) and Santaella (2004) in the approach about reading supports, hypertexts, readers conceptualization, literary reading on the net. Therefore, it was possible to coexist the physical book and screen reading supports so that literary reading occurs in different ways.

KEYWORDS: Literary reading; reading supports; literacy.

LECTURA LITERARIA EN EL CIBERESPACIO: DE PIEDRAS A PANTALLAS**RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo, a través de una investigación bibliográfica, constatar cómo las modificaciones en la forma de realizar las lecturas, ocurridas a lo largo del tiempo, puedan interferir en los modos de leer y por ende, en la caracterización del lector. Desde las inscripciones rupestres hasta los hipertextos lidos en las pantallas tanto de computadoras como de teléfonos inteligentes, observamos diferencias marcantes en el proceso de la recepción de textos los cuales derivan en interrogantes tales como: el libro impreso, uno de los principales soportes de escrita y lectura, será sustituido por libros electrónicos? En este sentido, esta investigación se dedicó a analizar la relación de los medios con la lectura, de manera que se puedan presentar distintos tipos de lectores y las habilidades necesarias para el acto de leer principalmente literatura, sin permitir, desde luego, la extinción del



da palavra

VOL.16|N.2|DEZ.2019

ISSN 1415-7950

libro físico del universo de los lectores. Para eso, sustentamos nuestro trabajo en Chartier (1999), Terra (2015), Soares (2002), Spalding (2012), Xavier (2010) e Santaella (2004) según sus perspectivas acerca de los modos de lecturas, hipertextos, concepción de lectores y lectura literaria en la red. De la misma manera, se verificó la posibilidad de coexistencia entre los medios de lectura de libros físicos y electrónicos, de modo que la lectura literaria ocurra de distintas maneras.

PALABRAS CLAVE: *Lectura literaria; soportes de lectura; alfabetización.*

INTRODUÇÃO

A leitura por muito tempo foi compreendida como decodificação de letras e palavras após o indivíduo passar por um processo de alfabetização. O importante, nessa perspectiva, era conhecer as letras e uni-las de modo que fizessem sentido e nomeassem as coisas e as pessoas. No entanto, a concepção de leitura tem ganhado novos entendimentos, alterando aquilo que entendemos como ler. Cosson (2012) compreende leitura como um diálogo, algo mais amplo que simplesmente decodificações de signos:

[...] ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto. (COSSON, 2012, p. 36, grifos nossos).

Nesse processo dialógico, temos a leitura como competência a ser desenvolvida íntima e socialmente, em experiências comunicativas diversas. Os quatro elementos citados pelo autor acima fazem do ato de ler mais complexo e pressupõe interlocuções entre autor, texto e leitor em determinado contexto. Como se trata de um ato interativo, se alterados os elementos que integram o processo de leitura, mudanças ocorrem também na compreensão textual.

Assim, ao falar de leitura, faz-se necessário analisar de que modo ela foi feita ao longo do tempo, em que contexto sócio histórico e por quais indivíduos. Considerando isso, buscaremos, neste trabalho, por meio de uma pesquisa bibliográfica, verificar como as alterações nos suportes de leitura que ocorreram ao longo do tempo podem interferir nos modos de ler e, por conseguinte, na caracterização do leitor, quem realiza o ato.

Para tanto, consideraremos o contexto da escrita textual, o espaço onde o autor elaborava o texto, seja ele verbal, não-verbal, virtual e, principalmente, o leitor que se debruça sobre essa tessitura para realizar o diálogo interativo em busca da compreensão do que se é lido.

Desde as inscrições em pedras até os hipertextos lidos nas telas dos computadores e *smartphones* atualmente, muitas diferenças podem ser vistas no processo de recepção de textos as quais causam questionamentos. O principal, em destaque nesta pesquisa, diz respeito aos suportes livro físico e livro eletrônico (ou hipertexto), haja vista serem os meios que perduram neste século: o livro eletrônico, o qual circula nas redes de computadores, pode substituir o livro físico, consagrado objeto de leitura? E a leitura especificamente literária corre risco de extinção caso o livro desapareça?

A fim de buscar respostas para essas indagações, embasaremos este trabalho em Chartier (1999), Terra (2015), Soares (2002), Spalding (2012), Xavier (2010) e Santaella (2004) que trarão luz às discussões acerca de suportes de leitura, hipertextos, conceituação de leitores e leitura literária na rede.

No primeiro tópico, realizaremos um breve histórico a respeito dos suportes de leitura desde as inscrições nas pedras até as telas; a seguir, trataremos do surgimento de um novo leitor à medida que surgem novos suportes. Depois disso, discutiremos uma pesquisa realizada por Santaella (2004) a qual conceitua, conforme o contexto, três tipos diferentes de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo. E, por fim, abordaremos a questão da relação entre a literatura e os suportes de leitura em transformação.

UM BREVE HISTÓRICO DOS SUPORTES DE LEITURA

Do rolo ao códice medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas menores dividem a longa história das maneiras de ler.

R. Chartier

A fim de abordar a leitura literária no ciberespaço, primeiramente traçaremos um breve histórico a respeito dos suportes nos quais a linguagem escrita foi grafada. Se atualmente podemos ler em telas de computador, *tablets* ou *smartphones*, houve época em que os textos eram escritos em pedras. Cada nova tecnologia traz novos suportes e, por conseguinte, outras maneiras de escrever e ler.

Os textos foram, por muito tempo, registrados em papiros, isto é, material obtido de plantas; depois, passou-se a utilizar os pergaminhos, peles de animais, geralmente de cabra, carneiro, cordeiro, que eram preparadas em rolos para a escrita. Esses dois materiais já indicavam avanços em relação à escrita em pedras, tábuas

de argila, bastante utilizadas também na antiguidade, porque agora poderiam ser transportados.

De acordo com Terra (2015), a passagem do rolo de pergaminho para o *códex* (códice) indicava uma segunda evolução, uma vez que o rolo requeria que fosse segurado com as duas mãos, enquanto o códice parecia um caderno com folhas de pergaminho costuradas e encadernadas em uma espécie de livro.

Além disso, o rolo exigia que a leitura fosse feita em pé, impossibilitando o leitor de fazer anotações enquanto lia, porque ambas as mãos estavam ocupadas ao segurar e desenrolar o objeto. A capacidade do rolo ainda era pequena e um texto longo, por exemplo, deveria ser dividido em vários.

Por outro lado, o *códex* trazia inúmeras vantagens como o menor custo por poder escrever na frente e no verso; a possibilidade de fazer anotações e mais espaço para textos longos. Esse suporte seria também responsável por grandes mudanças na forma de escrever como espaçamento entre palavras, divisão em parágrafos e capítulos.

Percebemos que o surgimento do códice foi um marco muito importante na história. Para completar essa revolução, no século XV, Gutenberg cria a imprensa e, a partir de então, os textos são difundidos em larga escala, pois agora não precisavam ser copiados manualmente. Spalding (2012, p. 34) afirma: “em geral, se atribui à invenção da imprensa o marco de mais importante revolução nos suportes para a leitura, sendo que alguns chamam de livro apenas os códices impressos a partir dessa tecnologia”.

É importante enfatizar que Gutenberg não inventou o livro, uma vez que as características do códice manuscrito permaneceram, como páginas e folhas dobradas em formato de caderno, mas era novíssimo o material utilizado “uma película de natureza vegetal, o papel, podia ser fabricada em grandes quantidades.” (SANTAELLA, 2004, p. 21). Assim, graças à imprensa, o livro alcançou mais pessoas e atendeu mais leitores.

Ao possibilitar imprimir uma quantidade significativa de textos idênticos, a imprensa permitiu que os leitores se tornassem mais autônomos, ficando livres dos copistas. Ademais, propiciou a formação de um mercado de produção literária por causa da crescente difusão do livro em prazos mais curtos.

Essas mudanças mencionadas, desde o papiro ao livro impresso, levaram séculos para se consolidarem. Por anos e anos, os povos

utilizaram um só suporte até que o outro surgisse e o livro, devido a sua tecnologia já bastante avançada, mantém-se até o presente momento histórico.

Porém, a partir da industrialização no século XIX e os investimentos feitos na ciência da computação, surgem os computadores, os *smartphones* e equipamentos cujo suporte de leitura é a tela, isto é, uma superfície, parte de equipamentos onde se projetam informações e são visualizadas.

Ocorre que muito se tem discutido a respeito dessa nova tecnologia e as mudanças trazidas por ela em relação à leitura. O questionamento principal é se as telas, isto é, os equipamentos digitais, serão capazes de substituir os livros físicos. Para desenvolver essa discussão, abordaremos no próximo tópico a leitura na contemporaneidade tendo em vista esse novo suporte.

NOVO SUPORTE, NOVO LEITOR

Considerando a breve história dos suportes de leitura, percebemos que a transição do suporte livro para a tela não foi a primeira, tampouco a mais transformadora. Afinal, ainda que mude o suporte, o texto mantém a essência e a estrutura na maioria dos casos, contudo a mudança do suporte implica uma nova forma de o leitor lidar com o texto.

A partir da transição dos rolos de papiro aos códices, por exemplo, os leitores puderam ler com as mãos livres, podendo realizar anotações e tiveram também maior noção a respeito de páginas que não eram muito perceptíveis na leitura de rolos.

Comumente se lia em voz alta, em grupos de pessoas, como forma de entretenimento e interação social. A partir do século XII, outro marcante fato aconteceu: graças aos espaços entre as palavras e a pontuação, a leitura começou a ser feita em silêncio. Isso parece irrelevante atualmente, mas trouxe muitas vantagens conforme Terra (2015) explica:

A passagem da leitura em voz alta (leitura oralizada) para a leitura silenciosa (leitura visual) possibilitou que se lessem os textos com maior rapidez e, conseqüentemente, que se lessem textos mais complexos, além de ter alterado significativamente o ato de leitura, que passou de público a privado, já que a leitura não era mais compartilhada com outras pessoas. (TERRA, 2015, p. 26)

A leitura silenciosa ampliou os horizontes dos leitores tornando-os mais eficientes e gerando mais concentração. Além disso, permitiu que ler fosse uma prática disseminada entre mais pessoas de

forma particularizada.

Seja em voz alta, seja em silêncio, os objetos lidos eram os livros, principalmente após a difusão deles a partir da imprensa. Permaneceu uma forma consolidada e nos anos finais do século XX começam a surgir suportes digitais para a leitura. Na tela, não existe propriamente um objeto físico para se ler, mas textos construídos eletronicamente. Existem dois tipos distintos de textos a serem lidos na tela e se faz necessário explicá-los porque acarretam diferenças na leitura.

O primeiro é chamado de *e-book*, um livro que contém as mesmas características do físico e apenas passa por uma digitalização. O *e-book*, livro digitalizado, traz vantagens quanto ao armazenamento e à portabilidade, ou seja, não exige espaços para guardar e pode ser levado a qualquer lugar com facilidade. Possibilita ainda uma maior acessibilidade aos livros disponíveis online, a exemplo temos o site Domínio Público, onde estão armazenados diversos livros da literatura nacional e estrangeira.

Porém, a leitura de *e-books* não difere muito da leitura de livros físicos, pois a estrutura textual, a organização em páginas, a densidade do texto permanecem as mesmas. Segundo Terra (2015), as poucas distinções perceptíveis entre a leitura do livro físico e a leitura de *e-books* são:

Entre as mudanças que podemos observar entre a leitura de um texto literário em livro impresso e a realizada na tela do computador; destacamos que nesta última desaparecem as sensações táteis do virar as folhas e as olfativas causadas pelo cheiro do papel. (TERRA, 2015, p. 18)

Logo, podemos notar que o livro digitalizado coexiste com o livro físico sem, contudo, gerar uma ameaça à existência deste. A leitura de ambos é similar e o *e-book* não requer do leitor habilidades novas para a compreensão dos textos.

O segundo tipo de texto na tela são os denominados *hipertextos*. De acordo com Xavier (2010, p. 208), hipertexto é “[...] uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade.”. Esse texto, então, é formado não só de palavras, mas também de sons, imagens, gráficos, movimentos, vídeos que compõem um todo significativo.

O hipertexto possui natureza imaterial permitindo, assim, que seja acessado em qualquer lugar, a qualquer momento, por mais de um leitor de forma simultânea. Diferentemente do texto convencional no

qual se percebe uma organização das partes em tópicos ou seções, divididas em páginas, a estruturação do hipertexto é não linear, não hierarquizada e não sequencial e essas características implicam algumas diferenças no momento da leitura.

Xavier (2010) afirma que a não hierarquização do texto não indica uma revolução radical implantada pelo hipertexto, tendo em vista que já existiam nos livros físicos notas de rodapé, sumários, índices os quais permitem os links. Porém ressalta que “a inovação trazida pelo hipertexto está em transformar a deslinearização, a ausência de um foco dominante de leitura, em princípio básico de sua construção.” (XAVIER, 2010, p. 213).

A natureza hipertextual é por si mesma não linear, formada por hiperlinks que direcionam o leitor a diferentes escolhas textuais. Devido a isso dificilmente se poderá imprimir um hipertexto e manter a sua natureza virtual com a presença de diversas mídias. Nesse contexto, o leitor precisa se adequar tanto ao suporte novo quanto ao hipertexto. Chartier (1999) confirma:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou do leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega [abre] a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica. (CHARTIER, 1999, p. 12-13)

A leitura de hipertexto na tela difere consideravelmente da leitura dos rolos ou códices manuscritos e impressos, principalmente porque várias linguagens são justapostas em uma mesma estrutura textual e o leitor precisa realizar o processo de leitura simultânea de palavras, animações, efeitos sonoros, imagens.

A experiência torna-se complexa, mas também gera um impacto muito positivo quando bem organizado o texto, uma vez que a leitura de um hipertexto pode ser mais envolvente e “n u m ambiente interssemiótico como o hipertexto, o ato de ler/compreender se viabiliza com muito mais totalidade e amplitude [...]”. (XAVIER, 2010, p. 214).

O fato de os hipertextos serem não lineares e não hierárquicos conferem ao leitor maior autonomia haja vista o caminho de leitura não estar estabelecido, isto é, o percurso se faz na medida em que se

lê. Seguindo esse raciocínio, o leitor torna-se minimamente autor do próprio processo de leitura ou, segundo Koch (2005), um coautor:

O hipertexto é também uma forma de estruturação textual que faz o leitor, simultaneamente, um coautor do texto, oferecendo-lhe a possibilidade de opção entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema. (KOCH, 2005, p. 83)

Essa possível coautoria é limitada justamente pelos links estabelecidos durante a escrita do autor, por isso não podemos afirmar que o leitor possui total liberdade no ato da leitura. O autor previamente determina os caminhos de leitura, porém cabe ao leitor segui-los ou não.

Ainda a respeito dessa conexão do autor com o leitor, Soares (2002) aponta diferenças pontuais entre o texto impresso e o texto eletrônico (especificamente os hipertextos). As características próprias de cada tipo de texto aproximam ou distanciam o leitor daquele que escreveu o texto.

No caso dos textos impressos, a distância entre o autor e o leitor é grande, porque o tempo de produção e de leitura diferencia-se, além de serem textos estáveis, monumentais e controláveis. Já nos eletrônicos, autor e leitor tendem a ter maior proximidade, porque os textos são mais maleáveis e impermanentes, aspectos que se assemelham aos textos manuscritos. A referida autora explica:

Como o texto manuscrito, e ao contrário do texto impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. Não é estável porque, tal como os copistas e os leitores freqüentemente interferiam no texto, também os leitores de hipertextos podem interferir neles, acrescentar, alterar, definir seus próprios caminhos de leitura; não é monumental porque, como consequência de sua não-estabilidade, o texto eletrônico é fugaz, impermanente e mutável; é pouco controlado porque é grande a liberdade de produção de textos na tela e é quase totalmente ausente o controle da qualidade e conveniência do que é produzido e difundido. (SOARES, 2002, p. 154, grifos nossos)

Soares (2002, p. 155) ainda afirma não haver apenas uma autoria nos hipertextos, mas multi-autoria, exigindo uma “reconceituação radical de autoria, de propriedade sobre a obra, de direitos autorais.”. Logo, a figura de autor, assim como a de leitor precisam se reinventar à medida que os suportes se alteram e novos textos surgem de acordo com as características vigentes.

Percebemos nitidamente muitas transformações na questão da leitura em tela, principalmente no que diz respeito à figura do leitor o qual assume uma posição diferenciada diante do texto eletrônico. Um

estudo realizado por Santaella (2004) apresenta três tipos de leitores definidos conforme o contexto em que praticam a leitura e o suporte utilizado. Eles são chamados de leitor contemplativo, leitor movente e leitor imersivo.

LEITOR CONTEMPLATIVO, MOVENTE E IMERSIVO

Se pensarmos na leitura como ação ampla e irrestrita, que começa com a leitura de mundo antes de se aprender a ler a palavra conforme Freire (1989), existem muitos e diversificados tipos de leitor. Há leitores de xilogravura, de desenhos nas pedras, de pinturas; leitores da face, dos movimentos do corpo; leitores de jornais, revistas e fotografias; leitores de mapas, do sol, de GPS. E há leitores de letras no papel, imagens em movimento, de textos em tela. Cada leitor, por sua vez, ativa suas habilidades para alcançar a compreensão no ato.

Logo, a leitura de estruturas hipertextuais provocam percepções e processos cognitivos novos fazendo com que a pessoa que lê desenvolva habilidades e competências diferenciadas. Isso se explica porque o suporte textual contribui para causar o efeito pretendido pelo texto. Segundo Santaella (2004), podemos dividir historicamente os leitores em três: contemplativo, movente e imersivo.

O leitor contemplativo está localizado no tempo, do renascimento até o século XIX, afirma Santaella (2004). Trata-se de um receptor que tem em mãos objetos fixos e manuseáveis: livros, mapas, gravuras e, assim, ele pode contemplar, refletir, parar para manusear, cheirar o objeto lido. Logo, esse tipo de leitor tem costume de ler textos escritos e imagens fixas, tendo em vista que o contexto da época apresentava textos grafados em rolos e códices manuscritos.

Já a partir do século XIX, devido aos avanços industriais, ao surgimento da imprensa e à proliferação de jornais e revistas, o leitor movente segue um novo ritmo de leitura mais veloz e fugaz. Esse leitor encontra-se em transição entre o contemplativo e o imersivo, uma vez que surgem imagens em movimento, fragmentos textuais os quais exigem uma leitura mais dinâmica sem muito tempo para contemplações.

Aparece assim, com o jornal, o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta do tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade. (SANTAELLA, 2004, p. 29)

O leitor movente precisa se adaptar aos novos estímulos de modo a compreender as leituras às quais está exposto, não se restringindo à leitura da palavra escrita e imóvel. Ocorre uma crescente proliferação de imagens e mensagens visuais principalmente devido às propagandas publicitárias, por isso, o espectador/leitor moderno necessariamente se ajusta aos textos não verbais, carregados de outras linguagens às quais ele não estava acostumado enquanto contemplativo. Santaella (2004) compara:

O leitor do livro, meditativo, observador ancorado, leitor sem urgências, provido de férteis faculdades imaginativas, aprende assim a conviver com o leitor movente; leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo. (SANTAELLA, 2004, p. 30).

Essa aceleração do mundo, no entanto, não tem fim com o leitor movente, pelo contrário, ela continua intensamente, das imagens fixas aos cinemas; dos cinemas aos vídeos online etc. O ato de ler, por consequência, acompanha esse fluxo com inserção de novos e diversos textos, gêneros e modos de ler.

Nesse contexto, reconhece-se o perfil do leitor denominado imersivo, aquele que “navega entre nós e conexões alineares pelas arquiteturas líquidas dos espaços virtuais” (SANTAELLA, 2004, p.31). O leitor imersivo, como sugere o nome, está imerso no ciberespaço e se encontra envolvido na navegação através de cliques ou toques.

A leitura de bites e bytes no ciberespaço se trata de uma experiência muito distinta das demais. Primeiramente, o acesso aos textos, formado por palavras, sons, imagens e efeitos, alcança simultaneamente milhares de pessoas conectadas a uma rede de transmissão, geralmente a World Wide Web.

Esse leitor de códigos binários não pode manusear o objeto lido, pois não o é materializado, diferentemente dos leitores contemplativo e movente. Em função disso, a rota de leitura é traçada mais livremente, sem roteiros programados e linearidade específica. Como afirma Santaella (2004), o leitor imersivo se encontra em uma espécie de labirinto conectando-se e interagindo com os nós hipertextuais:

Trata-se, de fato, de um leitor; na medida em que se entenda a palavra “leitor” como designando aquele que desenvolve determinadas disposições e competências que o habilitam para a recepção e resposta à densa floresta de signos em que o crescimento das mídias vem convertendo o mundo. É, no entanto, um tipo especial de leitor; o imersivo, quer dizer, aquele que navega através de dados informacionais híbridos.

dos — sonoros, visuais e textuais — que são próprios da hipermídia [...] (SANTAELLA, 2004, p. 47, grifo da autora).

Enquanto navega, esse leitor utiliza de todos os sentidos para recepcionar os textos que estão inscritos em tela. A receptividade é amplamente desenvolvida uma vez que há uma convergência de várias mídias, com as quais se faz necessária uma organização prévia de leitura, se não pode acontecer de o leitor se perder.

Nessa experiência de imersão no ciberespaço, o leitor é ativo na medida em que promove as buscas e escolhas, determina o que se vai ler, em que sequência e por quanto tempo. Logo, interatividade, autonomia e (hiper) sentidos são atributos do leitor imersivo no espaço das redes.

Conhecer a classificação dos leitores de acordo com o tempo em que vivem e os suportes através dos quais leem favorece a reflexão a respeito do futuro da leitura. Ao passo que os textos eletrônicos têm ganhado espaço e surgem novos modos de ler, questionamos: o livro impresso está ameaçado? A literatura se extinguirá? Há mudanças na formação de leitores literários na era digital? Com base nessas indagações, trataremos no próximo tópico a respeito da relação entre a literatura e o suporte textual e o processo de letramento literário no contexto do ciberespaço.

LEITURA LITERÁRIA NO CIBERESPAÇO: É POSSÍVEL?

Diante desse cenário que demonstra a utilização cada vez mais frequente das telas como suporte de leitura, convém abordarmos a questão da leitura de literatura no ciberespaço. O discurso do desaparecimento dos livros provoca a ideia de que a literatura também está em vias de extinção.

Consoante a essa ideia, Perrone-Moisés (2016) afirma que a disciplina “literatura” tem perdido espaço nos países ocidentais e, aos poucos, está desaparecendo dos currículos escolares. Muitas são as razões apontadas pela autora a respeito desse apagamento e uma das principais se trata da substituição da literatura por textos midiáticos veiculados nas redes.

Contudo, antes de afirmar que a literatura se extinguirá devido à leitura de textos eletrônicos, precisamos compreender a diferença existente entre a literatura e o suporte em que ela “habita”. Falar do fim do livro não significa, necessariamente, o fim da literatura, pois

aquele é apenas um dos diversos suportes de leitura. De acordo com Spalding (2012):

As questões do fim do livro e da literatura, dessa forma, devem ser entendidas como duas questões distintas, sendo o livro um suporte entre tantos possíveis para a literatura, o que assegura que não podemos falar no fim da literatura, quando muito em uma reinvenção, uma crise de valores, uma transformação estética. Já o livro, ainda que não possamos determinar seu fim, tem perdido seu protagonismo como guardião do conhecimento, função hoje compartilhada com o cinema, a internet, os jornais e revistas, etc. (SPALDING, 2012, p. 23)

Spalding (2012) esclarece essa distinção e complementa que se trata de uma reinvenção, uma transformação estética. Muito embora o livro não esteja mais no centro como a invenção do século, entendemos que ele pode coexistir com os computadores, sem necessidade de substituir um pelo outro.

A literatura, portanto, pode ser lida tanto no papel quanto nas telas sem que haja prejuízos estéticos, respeitando as devidas mudanças exigidas por cada suporte, tais como a relação do leitor com o autor e os recursos presentes nos textos. De acordo com Rettenmaier (2009, p. 79), “[...] a literatura não está unicamente nos livros, mas se encontra nas telas dos computadores à disposição desses leitores multimídiais, desses (hiper) leitores”.

Para Rettenmaier (2009), ler literatura e formar sujeitos letrados literariamente deixam de ser processos disciplinados e lineares, existindo em outros espaços de interlocução. A produção literária nas interfaces digitais apresenta vantagens que podem contribuir bastante na formação de leitores.

A primeira se trata da autonomia da literatura em relação às “coerções própria do universo editorial tradicional” (RETTENMAIER, 2009, p. 85). Antes restrita aos suportes impressos, a literatura pode ser escrita e lida facilmente na web, sem os obstáculos como o acesso ao livro, o transporte do objeto, entre outros.

Em segundo, os escritores se distanciam dos estereótipos presentes nos discursos escolares e livros didáticos de que o escritor consagrado geralmente viveu há anos, somente conseguiu êxito após a morte e se apresenta como uma figura histórica, além de literária. No ciberespaço, o escritor encontra um canal de diálogo com o leitor e pode estabelecer vínculos próximos com o público.

Esse leitor, por sua vez, adquire autonomia quanto às leituras a serem feitas, define o tempo dedicado ao ato, o local onde pode

ler e também consegue uma aproximação com o escritor que pode enriquecer o momento da leitura, de modo que aprecie ainda mais a obra literária.

Nesse sentido, a tela como espaço de escrita e de leitura traz um diferente acesso à literatura, novos processos cognitivos, e, claro, um novo letramento, que, segundo Soares (2002, p. 152) corresponde a “um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela.”. Logo, é imprescindível considerar a literatura no ciberespaço e possibilitar aos indivíduos o contato com a arte literária em diversos suportes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, entendemos que no ato de leitura existem elementos imprescindíveis que possibilitam a compreensão textual, sem os quais o processo de letramento tornaria incompleto. Esses elementos, por sua vez, se alteram ao longo do tempo, como vimos com o contexto, os suportes textuais e logicamente autor e leitor.

O leitor especificamente é uma parte essencial na leitura, uma vez que se trata do responsável pela recepção do texto conforme o contexto no qual se está inserido. Desde a antiguidade aos tempos atuais, vimos as mudanças de perfil do leitor, passando de leitor contemplativo o qual focaliza nas palavras estáticas e em poucas imagens em um momento de leitura de meditação e reflexão, até chegarmos ao leitor imersivo, aquele que inserido no ciberespaço e conectado a redes realiza a leitura de múltiplas linguagens, os hipertextos.

Enfatizamos, durante esse percurso, a polêmica relação entre os suportes livro impresso e livro eletrônico. O primeiro perdura durante séculos como a grande tecnologia aclamada pelos leitores e responsável pela difusão literária a partir da imprensa. O livro impresso data de milênios e permanece após rolos, os códices manuais e, atualmente, os textos eletrônicos da era digital.

O livro eletrônico, compreendido como produto deste tempo de redes e links, pode existir em formato de *e-book*, isto é, um livro digitalizado com características do impresso ou em hipertextos, ganhando contornos muito distintos do que o leitor estava acostumado na era do impresso.

Essa relação se dá polêmica, porque questionamos se um poderá substituir o outro, causando o desaparecimento da arte da

palavra que se faz nesses suportes: a literatura. Muito se tem discutido sobre a extinção do livro físico, em virtude da crescente leitura nas telas de computadores e *smartphones*, o que poderia causar o apagamento da literatura na vida dos leitores.

Contudo, esta pesquisa demonstrou que a literatura não se confunde com o objeto livro, sendo este o suporte em que se constroem as obras literárias, e pode existir tanto no livro físico quanto no eletrônico, considerando as devidas alterações requeridas pelo suporte. Podemos compreender, então, que a literatura pode lida tanto no papel quanto nas telas sem que haja prejuízos estéticos.

A relação do leitor literário com o livro físico perpassa o contato com o papel, as belezas da capa, o cheiro do objeto, o movimento dos olhos, o passar das páginas e muitas outras características desse ato de leitura. Mas isso não precisa se perder por causa do novo espaço de interação chamado ciberespaço.

O surgimento dos livros eletrônicos significa a abertura de possibilidades diferentes oferecidas ao leitor, o qual amplia seus horizontes e passa a ler em uma tela que emite luz, sons, movimentos e, assim, através de cliques ou rolagens, pode-se aventurar em uma nova experiência.

Tanto o livro físico utilizado há séculos, quanto os livros lidos em tela são tecnologias à disposição do leitor para a fruição da literatura. Basta, nesse processo, compreender as diferenças em cada caso e buscar uma convergência no ato de ler, a qual pode ser possível.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações na literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RETTENMAIER, Miguel. (Hiper) mediação leitora: do blog ao livro. In: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tania M. K. (org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.* Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez., 2002. Disponível em <http://>

www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 17. Set. 2019.

SPALDING, Marcelo. *Alice do livro impresso ao e-book: adaptação de Alice no país das maravilhas e de Através do espelho para iPad*. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, UFRGS, 2012.

TERRA, Ernani. *A produção literária e a formação de leitores em tempos de tecnologia digital*. Curitiba: Intersaberes, 2015.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010.

Recebido em 10 Out 2019 | Aprovado em 01 Dez 2019

Rebeca Mendes GARCIA

Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), possui pós-graduação em Literatura Brasileira e graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás. Atuou como professora de línguas na Educação Básica e em Centros de Idiomas. Atualmente, exerce o cargo de Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Tocantins, onde também participa do grupo de pesquisa LER: Literatura, Ensino e Recepção. E-mail: rebecamgarcia@hotmail.com.

Adriana Demite STEPHANI

Doutora e Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), possui especialização em Língua Portuguesa: Métodos e Técnicas de Produção de Textos e Licenciatura em Letras e Pedagogia. Atualmente é docente (Adjunto III) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, em Arraias, e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT/Porto Nacional. Tem experiência na área de Letras e Pedagogia com ênfase em Ensino de Língua e Literatura e outras Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, Letramentos, Arte e ensino, Arte Literária, Literatura e ensino, Literatura e recepção, Literatura e outras Artes, Leitura e formação, Leitura e Escrita Acadêmica e Literatura infanto-juvenil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, Ensino e Recepção (LER), em parceria com docentes da UEG e Unb. Avaliadora do Inep/MEC de cursos de Letras e Pedagogia. E-mail: astephani@uft.edu.br.